

Segundando



ENVIE SUA OPINIÃO OU ENTRE EM CONTATO

● Participe deste produto, pois ele é feito para você. Mande sua opinião para o e-mail: segundafeira@jcnnet.com.br

Mais algumas coisas que você deve fazer em Bauru antes de morrer...

João Jabbour

Os leitores da coluna - bauruenses nativos, adotivos e os afetivos - adoram a cidade e atenderam prontamente a um chamado que fiz no domingo passado. Discutiram ao longo da semana, via e-mail e redes sociais, a descontraída proposta sobre os lugares que você deve visitar em Bauru antes de morrer.

Apesar de totalmente despretensiosa, essa brincadeira de dizer coisas sérias tem como pano de fundo um fenômeno que é muito recente e pode ser chamado de "localismo".

Há pelo menos 25 anos, a globalização abriu as portas do mundo às relações comerciais, políticas e humanas de uma forma como as civilizações nunca haviam experimentado. A troca de produtos e conhecimento se expandiu a uma velocidade espantosa e frenética, nos fazendo atordoados.

Como quase tudo nessa vida, a formidável abertura nas relações entre os países e continentes chegou a tal ponto que agora experimentamos uma certa saturação. Na dimensão do planeta, o cansaço se reflete nas políticas nacionalistas que têm voltado com certo apelo nostálgico em vários países. Por exemplo, nos EUA, com Trump, e, agora, até mesmo no Brasil, com Bolsonaro.

Esta é uma discussão complexa, que podemos fazer em outro dia, até porque envolve abordar o populismo e outros efeitos colaterais do neonacionalismo, e estes geram muita polêmica. Definitivamente, em mais este domingo, a ideia não é esta. Mesmo porque é preciso dar uma trégua na sandice fratricida que vivenciamos nos últimos meses e esperar que o País viva um período construtivo e de muita responsabilidade por parte de todos.

O que se pretende aqui é chamar a atenção para algo que pode ser reflexo do mesmo movimento, mas em escala local: o desejo das pessoas de valorizar e vivenciar seu chão, seu solo sagrado, por onde passa e habita todo dia junto com seus familiares e amigos.

Assim, voltamos à ideia original.

Veja o que recebi nos últimos dias como sugestões extras para fazer e/ou experimentar em Bauru.

- 1- "Ver o pôr do sol no Aeroclube. E, também, na Praça Portugal" - **Valéria Casal Corrêa**
- 2- "Comer batata no Vitória Régia, assistir a um jogo do futebol amador e ir a um show no Sesc" - **Daniel Barbosa**
- 3- "Tomar um sorvete e/ou suco de abacaxi no Recanto Shinohara" - **Leda Martins**
- 4- "Tomar um suco no Frutal Lima e fazer um convívio na Quinta Ranieri" - **Fernando José Garmes**
- 5- "Passear na Praça Rui Barbosa e jogar futebol de salão no Sesi" - **Carlos Fonseca**
- 6- "Tomar um picolé na Sorveteria Pinguim" - **Emílio Alfredo Moreira Viegas**
- 7- "Comer pipoca da Faneco e fazer parte de algum grupo de apoio social" - **Inês Faneco**
- 8- "Participar da Feira da Bondade da Apae"
- 9- "Participar da Feiramor do Ceac" (por sinal, hoje é dia, lá no Cips!)
- 10- "Visitar os velhinhos e ir ao delicioso churrasco anual da Vila Vicentina"
- 11- "Visitar ensaios das escolas de samba" - As sugestões 8, 9, 10 e 11 são do **José Carlos Jordan**

Acrescento, em complemento a uma das sugestões do Jordan, que faltou algo importante desde a primeira conversa, na semana passada: assistir ou participar de um desfile de escola de samba, no Sambódromo.

Discutindo com Renato Zaiden a lista e suas possibilidades, ele afirmou, na última quinta-feira: "Quando eu estou com saudade de Bauru, vou ao Restaurante Lalai...".

E por falar em saudade, algumas das sugestões que chegaram remetem a uma viagem saudosista, como escreveu Francisco Ponde Leon Jr.: "Comer um lanche de pernill no Bar do Molina, tomar um chopp no Bar Francano..." Antonio Pedroso Júnior fez o mesmo, em uma relação que está publicada na tribuna do leitor de hoje, aquela maior, que fica na página 27.

Já o Roberto "General" Macedo imaginou um rol de 10 situações para Bauru que povoam seus melhores sonhos. Saiu na tribuna do leitor da última terça-feira.

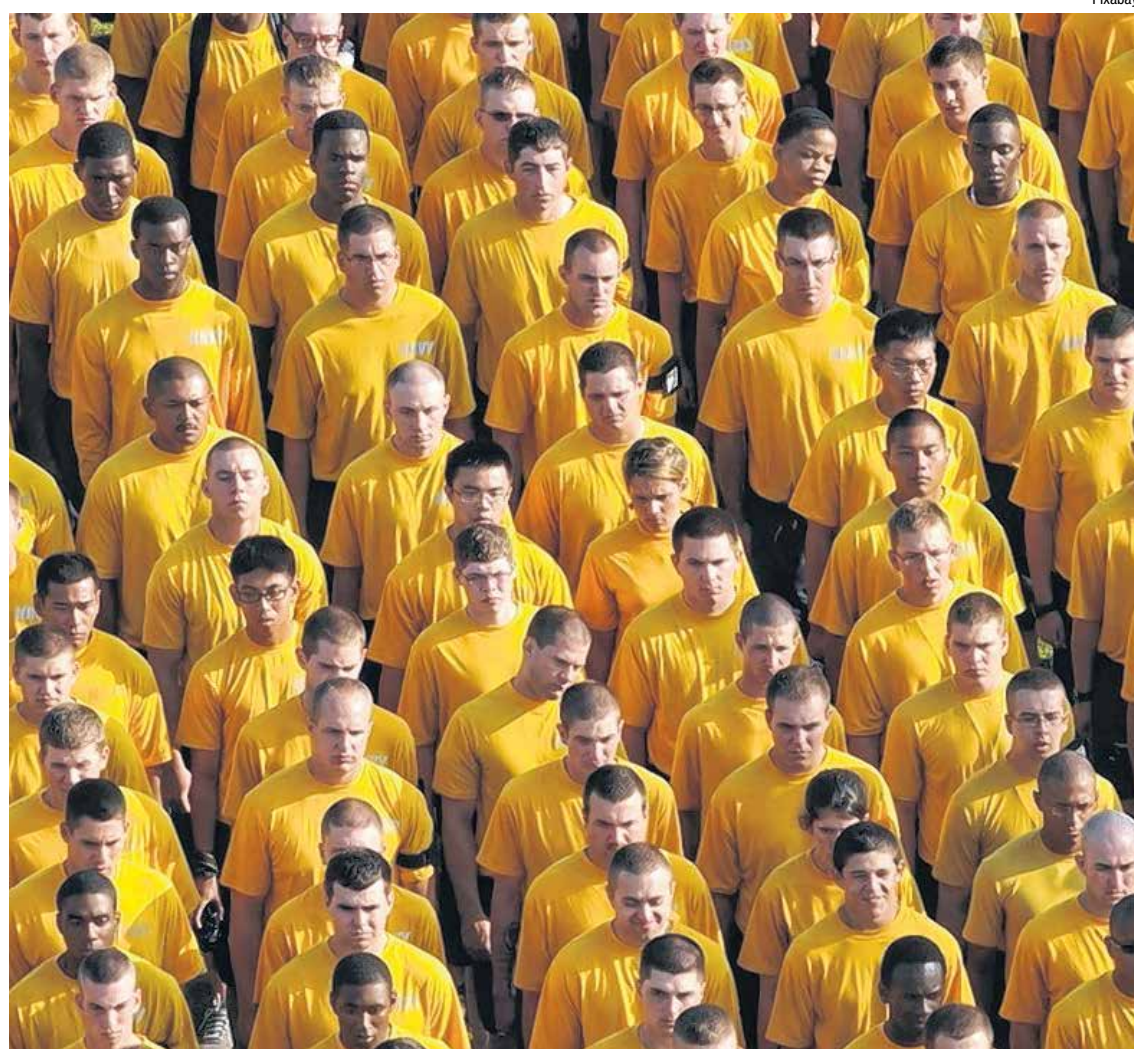
Para terminar, uma última coisa simples e boa de se fazer, no embalo do localismo e do resgate de hábitos agradáveis: colocar cadeiras na calçada e convidar os vizinhos a um bom papo, sem celulares às mãos.



Algumas pessoas têm uma aptidão natural para reconhecer pessoas

Existem diferenças em quanta atenção as pessoas dão aos rostos e na eficiência no processamento de informações

● Ciência



Dezenas de rostos diferentes: ser humano é capaz de lidar com milhares de faces pelo mundo

Ser humano reconhece até cinco mil fisionomias

Estudo revela que memória fotográfica consegue decorar milhares de rostos

SÉRGIO MATSURA

Alguns dizem ter memória fotográfica, enquanto outros dizem se esquecer facilmente das feições dos conhecidos. Na primeira vez, cientistas conseguiram estimar quantas faces, em média, um ser humano é capaz de reconhecer: 5 mil.

Normalmente, as pessoas vivem cercados por dezenas, ou pouco mais de uma centena de rostos conhecidos, mas o resultado sugere que somos capazes de lidar com milhares de faces que encontramos no mundo moderno, entre estrelas de TV e interações em redes sociais.

"Nosso estudo focou no número de rostos que as pessoas realmente conhecem, nós ainda não encontramos um limite de quantas faces diferentes o cérebro pode lidar", disse Rob Jenkins, do departamento de Psicologia da Universidade de York e líder da pesquisa. "A habilidade de distinguir diferentes indivíduos é claramente importante. Ela permite que você rastreie o comportamen-

to das pessoas ao longo do tempo e que modifique o seu comportamento como resposta."

Os resultados fornecem uma base para comparar o tamanho do "vocabulário facial" humano com softwares de reconhecimento facial, que são cada vez mais utilizados para a identificação de pessoas em meio a multidões. No estudo, os participantes passaram uma hora listando quantos rostos de suas vidas pessoais conheciam, incluindo pessoas com quem estudou ou trabalhou, colegas e parentes. Depois, fizeram o mesmo com pessoas famosas, como atores, políticos e figuras públicas.

A distinção de diferentes indivíduos é importante para o comportamento

■ Atenção altera o processamento

No início dos testes, os voluntários escreviam os rostos conhecidos com facilidade, mas com o passar do tempo ficava cada vez mais difícil lembrar de alguém. Dessa forma, a mudança no ritmo de novas descrições permitiu aos pesquisadores estimar quando a memória por rostos conhecidos acabaria.

Para os rostos famosos, os participantes foram apresentados a milhares de fotografias e tinham que apontar os reconhecidos. Duas fotos de cada pessoa eram apresentadas para garantir a consistência. Os

resultados mostraram que os participantes conheciam entre 1 mil e 10 mil rostos, com média de aproximadamente 5 mil.

"A extensão pode ser explicada por algumas pessoas terem uma aptidão natural. Existem diferenças em quanta atenção as pessoas dão aos rostos e na eficiência no processamento de informações", explicou Jenkins. "Além disso, pode refletir diferentes ambientes sociais, com alguns participantes tendo crescido em locais mais densamente povoados e mais interações sociais."